

Sebastião Salgado: o problema da ética e da estética na Fotografia Humanista

Carla Victoria Albornoz

Economista e cientista política da UBA (Universidad de Buenos Aires), também fotógrafa amadora. Atualmente se encontra na etapa final do Curso de especialização em Jornalismo Cultural, na Faculdade de Comunicação Social da UERJ.

Resumo

A fotografia humanista de Sebastião Salgado tem gerado tanto polêmica, como admiração. A mensagem engajada que transmite através de suas imagens em preto e branco sobre a situação extrema na qual vive uma parte da população mundial impactam pela sua beleza. Alguns o consideram um fotojornalista com uma forte sensibilidade estética e humanitária. Para outros, Salgado representa o maior expoente de um movimento que se aventura na procura de uma estética dentro da miséria. O que resulta inquestionável é que a temática que Salgado desenvolveu ao longo de seu trabalho foi a de apreciar a condição humana, independentemente do contexto, lugar, ou tempo. Através de uma técnica fotográfica purista, Salgado parece captar o que existe de mais essencialmente humano nas pessoas retratadas. A leitura de suas imagens parece simples, embora nelas estejam amalgamadas uma complexidade de elementos capazes de outorgar um caráter imaginário às imagens que transcende o aparentemente casual da fotografia, incrementando assim a profundidade da sua obra. Tornando visível aquilo que em aparências é invisível: a condição humana. Mas, além de tudo, a obra de Salgado abriu o debate sobre se é possível uma estética da miséria e quais são as suas implicações para as questões éticas.

Palavras-chave: Fotografia – Condição humana – Estética - Ética

Abstract

Sebastião Salgado's humanist photography has generated as much controversy as admiration. His black and white images convey the extreme condition under which part of the world population lives, and transmit an impacting beauty. Some consider him a photojournalist with a strong aesthetic and humanitarian sense. Others consider him the greatest exponent of a movement that searches aesthetics within misery. What is unquestionable is that the theme that Salgado has developed throughout his work is the exaltation of the human condition, independently of context, place, or time. Using a purist technique, Salgado seems to capture in his photographs the human essence. At a glance, his images appear simple to read. But looking closer, one finds a complex mosaic of elements that assign an imaginary trait to images that transcend what is apparently casual, making visible what is apparently invisible - the human condition, thereby increasing the depth of his work. But, above all, Salgado's work has opened the debate on whether or not a aesthetics of misery is possible and what its ethical implications would be.

INTRODUÇÃO

Sebastião Salgado é brasileiro, economista, fotojornalista e um dos expoentes mais destacados do que se denomina “fotografia humanista” ou “engajada”. Mas, ao mesmo tempo, é também o criador de uma polêmica acirrada em torno do que alguns outros chamam de estética da miséria ao descrever o seu trabalho. Hoje com 62 anos, quem entrou no mundo da fotografia quase por acaso quando realizava uma viagem pela África (com uma câmera emprestada pela sua mulher) a serviço da Organização do Café em Londres, anuncia que está trabalhando no seu último projeto, depois do qual se aposentará.

Esse documentarista da condição humana e possuidor de uma estética realista muito peculiar começou a sua carreira de fotógrafo como fotojornalista. Trabalhou para a agência Magnum Photos, fundada depois da Segunda Guerra Mundial pelos lendários Frank Capa, Henri Cartier-Bresson, George Rodger e David Seymour. Foi ali onde conseguiu o seu primeiro destaque ao ser o único a capturar as imagens do atentado que Ronald Reagan sofreu em 1981. Mas seu destino estava marcado pela sua preocupação sobre a condição humana. Este defensor da estética realista, dono de um espírito aventureiro e de uma profunda sensibilidade humana que nos comove através de suas imagens em preto e branco, já entrou no quadro de honra dos grandes fotógrafos do século XX. Além de ganhar numerosos prêmios com as suas fotografias, é - depois de Cartier-Bresson - o segundo membro estrangeiro a ser aceito na Academia Americana de Fotografia.

A seguinte reportagem tenta apresentar a obra de Sebastião Salgado a partir do debate gerado à sua volta: Salgado como jornalista, como artista fotográfico e como o autor de uma estética diferente que talvez forme parte da fotografia pós-moderna, aquela que tenta mostrar a “crise do real”¹.

SEBASTIÃO SALGADO : FOTOJORNALISTA OU ARTISTA FOTOGRÁFICO ?

Poucos fotógrafos têm provocado tantos elogios e tanta polêmica ao redor de seu trabalho como Sebastião Salgado. A sua obra visual de denúncia e testemunho sobre os problemas que acarreta a globalização econômica e a liberalização dos mercados nos países do terceiro mundo conseguiu, além de reconhecimento internacional, abrir o debate sobre uma nova narrativa fotográfica que se encontra na fronteira entre o jornalismo e o artístico. Ainda que o fotojornalismo tenha surgido na primeira metade do século XX como uma atividade de produção fotográfica vinculada à informação, nos seus primórdios estava vinculado principalmente à ilustração dos meios, em particular da imprensa escrita. Pouco a pouco, essa fotografia jornalística foi evoluindo até somar um novo eixo ao da simples informação: o eixo da expressão. Dessa forma, esta “eloqüência visual” foi ganhando espaço ao mesmo tempo em que abria caminho à fotorreportagem, da qual surgiu o que hoje conhecemos como fotografia humanista.

A fotorreportagem se desenvolveu principalmente na segunda metade do século passado como uma produção fotográfica que procurava retratar uma série de fatos de um sujeito ou situação particular, onde se estabelecia um compromisso de longo prazo que podia incluir o testemunho das pessoas envolvidas. A maior disponibilidade de tempo para trabalhar na história a ser narrada permitiu a aparição da dimensão estética na fotografia jornalística, assumindo a estética pessoal do autor da fotografia um papel cada vez mais preponderante. Dentro desta categoria de fotorreportagem se encontram as imagens de rua em P&B dos franceses Henri Cartier-Bresson e Robert Doisneau, a reportagem engajada de Robert Capa, a reportagem social de Dorothea Lange e a reportagem subjetiva do norte-americano Robert Frank, entre outras. A estética desenvolvida por esses fotógrafos foi tão deslumbrante que a edição de livros e exposições se converteriam no principal meio de divulgação do que se passou a denominar “obra fotográfica”.

A partir da década de 70 um novo tipo de abordagem se despreendeu da fotorreportagem: a fotografia humanista. Ela se concentra menos no fato e mais no olhar sobre o homem como um testemunho de sua condição em todo tipo de circunstâncias. O trabalho de G. Immsand é um exemplo desta fotografia, embora seja Sebastião Salgado quem mais reconhecimento obteve como o grande fotojornalista da condição humana. Através de suas reportagens na África, Ásia e América Latina, Salgado nos faz partícipes em suas fotografias do problema da fome nos países africanos, das miseráveis condições nas que vivem as pessoas nos campos de refugiados, do problema dos trabalhadores rurais expulsos de suas terras no Brasil e da infância condenada à pobreza desde o começo, sem direito a reclamar por uma oportunidade. Na fotografia de Sebastião Salgado se distingue o seu engajamento com a índole humana às margens do sistema da sociedade moderna. Mas também está presente no seu trabalho o seu engajamento com a fotografia como arte através da técnica, a qual lhe exige uma reflexão sobre o enquadramento, a composição e a iluminação. Tudo aquilo que o leve a obter uma imagem justa e bela ao mesmo tempo.

As imagens que captura através de sua câmera são de uma beleza monumental. A vastidão com que consegue retratar a natureza, a perspectiva no seu enquadramento e o jogo de luzes e sombras numa iluminação natural, sem utilizar luz artificial alguma, fazem de Salgado um dos melhores fotógrafos da atualidade. Ele faz uma fotografia de autor. Nas tonalidades vibrantes que ressaltam o que há de mais comovente no sujeito retratado, na escuridão profunda que se alterna com fochos de luz localizados nos ambientes e nas texturas que consegue imprimir dos rostos das pessoas se encontra a marca pessoal inconfundível de Salgado. O tema de suas fotografias é a miséria da condição humana no Terceiro Mundo. Mas o seu olhar transfere um certo ar místico a essa cruel realidade.

Esse olhar que o diferencia dos outros fotojornalistas está relacionado

com sua forma de trabalhar um dos pilares do fotojornalismo: a temporalidade. Pode-se dizer que existem três elementos-chave que devem estar presentes na fotografia jornalística para que seja considerada como tal: 1) a temporalidade, onde a imagem reflete o evento que está sendo retratado, 2) a objetividade, que implica que a mensagem transmitida através da imagem deve ser uma honesta representação dos fatos acontecidos e 3) a narrativa, onde a imagem combinada com outros elementos da notícia devem dar um insight ao leitor/observador sobre as circunstâncias do acontecido. No trabalho de Salgado estes três elementos estão presentes, embora o impacto que a sua fotografia produz está mais relacionado com a temporalidade das mesmas.

Sebastião Salgado tem percorrido uma grande parte do terceiro mundo retratando o sofrimento, a fome e a morte de pessoas na periferia da nossa sociedade contemporânea, viajando em terceira classe, cortando o seu próprio filme e fazendo as suas próprias ampliações. À diferença da prática comum dos jornalistas que chegam ao local de interesse, congelam na imagem o material necessário para logo se retirarem rapidamente, Salgado passa várias semanas conhecendo as pessoas e as suas circunstâncias. É assim que a comunicação que Salgado estabelece com as pessoas vivendo em condições extremas se traduz numa imagem que parece capturar a alma dos retratados, nos transmitindo, ao mesmo tempo, um sentimento de eternidade desse momento.

Salgado só retrata aqueles que se deixam fotografar. Isso estabelece uma relação de confiança e empatia com as pessoas, que na sua lente se transforma em uma imagem testemunhal em primeira pessoa. Os olhares e a postura dos sujeitos que as suas fotografias mostram respeitam inteiramente a dignidade das pessoas em condições decadentes. Principalmente, porque elas não foram feitas por um jornalista que apenas teve tempo de disparar o obturador, foram tiradas por alguém que se interessou por conhecer a humanidade que nessas pessoas existe.

Caber-nos-ia perguntar se, ainda que Salgado tenha começado a sua carreira como fotojornalista, não se converteu num documentarista artístico com o passar dos anos. Certamente ele registrou, com uma beleza visual indiscutível, a condição na qual vive uma parte da população mundial na nossa contemporaneidade. Mas a sua abordagem documentarista possui um elemento imaginário e um grau de interpretação que transcende o carácter visual da fotografia e dá profundidade à sua obra. A eternidade, a condição humana e a mística se fundem nas suas imagens e é aí onde de documentarista se transforma em artista fotográfico. Na sua essência, Sebastião Salgado é tanto fotojornalista como documentarista como artista fotográfico, embora as gerações futuras talvez o reconheçam mais pela qualidade de suas imagens descontextualizadas, que pela denúncia da condição do marginalizado da sociedade moderna do final do século XX e começo do XXI.

SALGADO E A SUA OBRA: É POSSÍVEL CONSTRUIR UMA ESTÉTICA DA MISÉRIA ?

Além de humanista, a fotografia de Sebastião Salgado é engajada com uma visão do mundo. Ele conseguiu construir uma crítica social articulada através de suas imagens. Ainda que os seus detratores tentem levantar a suspeita sobre a metodologia utilizada e suas verdadeiras motivações, não se pode negar que as imagens captadas por Salgado são construídas a partir de uma metáfora visual que nos revelam situações de desolação e miséria no Terceiro Mundo, com uma sensibilidade estética própria dos grandes fotógrafos.

A estética de Salgado não é simples de ser analisada. Ela mistura vários componentes, entre os que se destaca a filosofia visual de Cartier-Bresson de captar o “momento decisivo”. Seu objeto de interesse é o homem em condições de sobrevivência e nas suas imagens procura resgatar a beleza e a dignidade de suas almas. Fazer visível aquilo que a simples vista parece não existir. Com essa idéia em mente começou seu périplo pelas regiões mais inóspitas do planeta. Foi assim que, de sua experiência na América Latina surgiu o seu primeiro livro de fotografias publicado sob o título de *Other Americas*. Neste trabalho, o fotógrafo nos apresenta imagens que retratam a vida fora das grandes cidades da América Latina, onde a tristeza, a fome e a morte são o “pão” de cada dia. Das imagens capturadas entre os anos 1977 e 1984 no noroeste do Brasil, nas montanhas do Chile, Bolívia, Peru, Equador, Guatemala e Venezuela, talvez a mais emblemática seja a da celebração do “Dia de todos os Mortos” num cemitério do México. Embora, na memória dos que tiveram a oportunidade de ver este trabalho, se encontra, quase com certeza, a imagem dos meninos do interior do Brasil brincando no chão com ossos de animais, na falta de brinquedos reais. Depois veio *Fome no Sahel* (1984-85), onde se compilam as imagens que Salgado capturou na sua viagem pela África como voluntário da organização *Médecins sans Frontière*. O trabalho apresenta os retratos impactantes dos corpos magros de adultos e crianças, marcados pela falta de alimentação, mas que nos deixam ver nos seus olhares vívidos, e igualmente desesperançados, a dignidade com que afrontam o seu sofrimento.

Já em *Workers* (1991), os sujeitos das imagens são os trabalhadores explorados, especialmente os “garimpeiros” brasileiros de Serra Pelada. Ali, as imagens refletem a insanidade das condições do trabalho dos mineiros, que deixam transluzir no ar uma morte prematura. As fotografias tingidas de um sombrio profundo refletem a desolação, emoção e delírio nos rostos sujos dos mineiros. Como forma de dar continuidade às problemáticas sócias de sua terra natal lança em 1997 o projeto que levou o nome de *Terra*. As imagens mostram o engajamento com a dignidade e a pobreza dos Sem-Terra no Brasil. Através de composições visuais que misturam mãos desgastadas pelo trabalho manual com rostos ternos de crianças, Salgado consegue transmitir mais uma vez a tristeza que tinge os espíritos dos necessitados e esquecidos.

O seu último trabalho lançado em formato de livro é Êxodos. As fotografias testemunham desta vez os infortúnios das pessoas que vivem nos acampamentos de refugiados na Ásia e na África. Deste mesmo trabalho surge o livro Retratos de Crianças de Êxodos. Uma belíssima compilação de fotografias de crianças que Salgado fazia ao entrar nesses campos de refugiados. Uma brincadeira que ele mesmo inventou para que as crianças o deixassem fotografar sem que o seguissem continuamente por detrás, curiosos pelo seu equipamento fotográfico.

Em todas as suas fotografias, Salgado parece explorar a idéia de enigma. Através da ambientação de luzes e sombras, a composição e o enquadramento escolhidos, se imprimem nas suas imagens uma sensação de beleza e calidez emocional estranhas. Emoção que não se deve confundir com compaixão. Através da lente de Salgado o observador estabelece uma relação emocional com aqueles que foram retratados. Uma relação empática que, em primeira instância, o fotógrafo conseguiu com as pessoas e suas circunstâncias. Também na fotografia de Salgado se conjugam a metáfora visual e o simbolismo. Esta mistura é utilizada como uma forma de enriquecer a narrativa, e não como um simples efeito de impacto emocional, tal como gostam de interpretar certos críticos. Inclusive, até pode ser certo que a composição de algumas fotografias esteja planejada pelo fotógrafo. Porém, Salgado não inventa a realidade e as pessoas. Essas pessoas existem, tal qual as observamos nas suas imagens, e as circunstâncias nas que as vemos são verdadeiras.

Para alguns tem importância a crença religiosa e a sua ideologia no momento de apreciar a sua fotografia. Mas resulta relevante como foi feita a composição quando o que se deveria valorizar é, além da beleza da imagem, a denúncia e a crítica social que está por detrás? Salgado costuma dizer que “quando olhamos uma fotografia qualquer, nos transportamos a outros lugares, a épocas, talvez a outras vidas. O ato de olhar uma fotografia consta de dois momentos: o olhar, o que se mostra e, logo, a nossa resposta a aquilo que foi visto”. Parece que a resposta que Salgado encontrou para aquilo que viveu através dessas pessoas, é fazer-nos refletir sobre a condição humana nesta nossa sociedade moderna por meio da beleza imagética.

Aqueles que o criticam consideram que Salgado está obcecado pela idéia da morte, que suas fotografias estão marcadas pela iconografia cristã, que alguns de seus trabalhos carecem de uma narrativa clara sobre a problemática retratada e até que tenta lucrar com a miséria dos outros. Não surpreende que um trabalho visual que tenta se apropriar de uma certa beleza de momentos marcados pelo horror provoquem polêmica.

A idéia da morte se encontra frequentemente como tema de inspiração na História da Arte e, porém, não duvidamos dos valores estéticos de algumas dessas obras. Mas essa morte ligada principalmente aos ícones da religião cristã nos trazia uma morte idealizada, presente sim, mas longe de nossa própria realidade. Ninguém, em nossa sociedade contemporânea, pode ser culpado

da crucifixão de Cristo. Mas podemos ser culpados da exploração dos trabalhadores, da fome, da pobreza e da desesperança de comunidades inteiras na África, na Ásia e na América Latina? A resposta pode ser ambígua, enquanto as fotografias de Salgado são reais. Poder-se-ia dizer que em suas fotografias falta uma explicação da problemática que gerou essas terríveis circunstâncias, mas a imagem é poderosa o bastante como para nos obrigar a refletir sobre a situação na qual vive uma grande proporção da população mundial. Inclusive se poderia criticar a limitada acessibilidade a sua obra. Tendo em conta que as fotografias de Salgado estão compiladas em livros de uma qualidade gráfica excepcional, e conseqüentemente de custo elevado, sem pagar os direitos às pessoas que foram retratadas. Pois são justamente aqueles que tem melhores condições de vida, e não os indigentes, os destinatários do trabalho de Salgado. Mas nesse ponto talvez deveríamos indagar sobre as vezes que Salgado doou parte de suas regalias a organizações internacionais ou diretamente investiu em projetos próprios, como o de Amazonas Images que deu origem ao Êxodos, ou como o Instituto Terra que propõe um planejamento inovador ao problema do desmatamento no Brasil, sem esquecer a sua colaboração com numerosos organismos internacionais (entre eles UNICEF).

99

Resulta inquestionável que a visão viva, reflexiva e apaixonada das fotografias de Salgado mexem na fibra emocional do espectador. Ainda quando falte uma argumentação no seu trabalho que explique as causas que provocaram essas circunstâncias, a narrativa é clara. As suas imagens servem como meio à denúncia do sofrimento das pessoas retratadas. A fotografia de Salgado testemunha uma realidade que acontece e se expande pelo nosso mundo. Ela resgata da miséria uma beleza implícita na dignidade das pessoas. O olhar e o respeito que Salgado manifesta pelos retratados nas suas imagens conseguiu construir uma nova estética. Mas não uma estética da miséria, senão uma estética da dignidade que, a pesar de tudo, ainda está presente na condição humana.

A FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO COMO OBRA ARTÍSTICA

Atualmente Sebastião Salgado se encontra desenvolvendo o seu último projeto fotográfico que estará pronto em 2012, quando faz 70 anos. Depois de Gênesis, o título desse trabalho, o fotógrafo pretende se aposentar, talvez não da fotografia mas sim dos projetos de longa data. Este périplo de oito anos de viagens produzirá imagens em P&B que serão divididas em quatro grandes capítulos: A criação, A Arca de Noé, O Homem Antigo e finalmente A Sociedade Antiga. O curioso deste novo projeto é que Salgado aponta a sua lente fotográfica, pela primeira vez em sua carreira, à natureza e ao meio ambiente. A idéia é a de retornar às origens do nosso planeta fazendo foco no mundo natural. A primeira parte deste projeto já foi realizada registrando imagens das Ilhas Galápagos, Virunga (terra de gorilas), Patagônia e Antártica, as quais algumas delas já podem ser observadas na Internet.

A pretensão de Salgado neste último projeto fotográfico é a de fazer “antropologia planetária” evocando de certa maneira as imagens captadas no início do século passado pelas primeiras expedições ocidentais de recantos por eles desconhecidos até esse momento. A idéia é poderosa, se temos em conta que estamos muito habituados a ver fotografias de natureza a cores, mas muito poucas, e quase todas muito antigas, em textura de preto e branco.

Pelas imagens que já se podem observar deste último registro fotográfico, o trabalho contém altas doses artísticas que, em contraposição à sua obra anterior, não deixaram lugar a dúvidas sobre a entidade artística da sua fotografia. Não obstante, podemos talvez olhar mais uma vez a questão da ontologia artística da fotografia de Salgado através do pensamento de Theodor Adorno sobre o que se considera arte. Adorno pensava a obra de arte como formação e não como informação, ao mesmo tempo em que considerava que ela não pode ser uma simples “repetição” da realidade do mundo. Neste contexto, poderíamos dizer que a fotografia de Sebastião Salgado se limita ao simples status de fotografia humanista ou fotojornalismo (como o próprio Salgado gosta de se definir), em lugar de pensar o seu trabalho como obra artística. Porém, a emoção e a beleza transmitida através de sua imagética nos leva a refletir novamente sobre conceito da fotografia como obra de arte.

Desde suas origens, a fotografia foi questionada como expressão artística visual. Ela era considerada quase exclusivamente desde um ponto de vista utilitário. A fotografia servia tão só para retratar pessoas e lugares como um testemunho de um determinado tempo e espaço. Assim, a imagem fotográfica era concebida como a extensão de nossa memória visual. Esta idéia não resulta absurda se se tem em conta que nos começos da fotografia a câmeras eram grandes e pesadas, o que impedia os fotógrafos de fazer outras imagens que não fossem estáticas. Desta maneira, as fotografias eram quase todas preparadas e posadas, não existia o conceito de tomada “instantânea”. Com o desenvolvimento da tecnologia, esses aparelhos reduziram as suas dimensões e isso abriu caminho a uma nova forma de olhar. Não obstante, foi o olhar do fotógrafo francês Cartier-Bresson nos anos 30-40, que começou a criar uma nova estética dentro da fotografia com as suas reportagens de rua. A partir desse momento, muitos outros fotógrafos apareceram no cenário mundial, produzindo imagens gloriosas de vida urbana, da natureza, de interiores, além de renovar o estilo do retrato.

Sebastião Salgado, como admirador e discípulo de Cartier-Bresson, também acredita na necessidade de captar esse “momento decisivo” para criar a emoção na imagem fotográfica. Foi precisamente essa emoção a que fez vibrar o espectador e que mudou o conceito de fotografia. Ela já não era um simples testemunho, agora também podia ser considerada arte. Tão longe chegou essa revolução na fotografia que hoje existem fotógrafos que só vendem as suas imagens em galerias de arte. Talvez Adorno, se vivesse na nossa sociedade pós-moderna, considerasse a fotografia como um elemento a mais da indústria cultural. Evidentemente a fotografia de moda, de arquitetura,

publicitária, de arte e até a urbana poderiam se encaixar dentro do conceito de indústria cultural. Elas têm uma certa utilidade, a de vender produtos ou a de se vender elas mesmas. Mas será que a fotografia humanista de Salgado também entra dentro deste conceito?

A bandeira da crítica social que as imagens de Salgado hasteiam, tem uma utilidade sim: a de divulgar a pobreza e a miséria na qual vive uma parte da humanidade atual. E, neste último projeto em particular, a de nos chamar a atenção para a necessidade de conservação de nosso meio ambiente. As suas imagens nos comovem, existe uma emoção estética inerente a elas. O drama e a beleza que uma técnica fotográfica depurada permitem se conjugam. A realidade que nos mostram as suas imagens parecem transpor as barreiras da positividade para se instalar na negatividade, no princípio da diferença, intrínseco em toda obra de arte. Mas, novamente, Adorno talvez nos diria que a Arte não é um reflexo, ela é apesar da sociedade e que os artistas criam sem que exista uma explicação social. Ele diria também que a arte não pode ser totalmente intencional. Nesse sentido, sabemos que o trabalho de Salgado tem uma intencionalidade, a de criar uma consciência sobre determinados aspectos de nossa contemporaneidade. Mais ainda quando a sua fotografia reflete uma realidade, ela não é a realidade dominante. Ela não avala a positividade, mas sim a utiliza como meio para expressar a diferença, o lado “negativo” dessa realidade.

O trabalho de Salgado, além de sua estética particular, possui uma parte crítica e consegue preservar um certo caráter negativo dentro da própria obra. Ainda que o seu trabalho tem intencionalidade e tem consciência, a sua obra tem um grau de liberdade importante. Salgado conseguiu retratar esteticamente aquilo que por sua condição não se podia pensar em termos de beleza. Neste ponto, Adorno nos diria que “Belo é tudo aquilo que a câmera reproduz... na fotografia, o que se oferece não é a Itália, senão a prova invisível de a sua existência”². A Itália é um belíssimo país que todos gostaríamos de visitar ao menos uma vez na vida, mas a fome, a pobreza, a exploração e a perseguição são instâncias que gostaríamos de experimentar?

Tendo em conta a intencionalidade, ideologia, finalidade e na repetição da realidade do mundo inerente à fotografia de Salgado, talvez Adorno diria que as suas imagens não se constituem em uma obra de arte. Mas, se deixássemos por um instante este conceito de lado e nos centrássemos na emoção, na dramaticidade, no enigma e beleza da imagética de Salgado, talvez a resposta fosse diferente. Porém, não podemos ocultar que sem essa intencionalidade primária, a fotografia humanista não existiria. Porque é a partir da crítica e da idéia de testemunho e a necessidade de denúncia dessa realidade que a estética de Salgado se desenvolve. Talvez se os sujeitos retratados se encontrassem em outras circunstâncias, a resposta seria mais clara. Mas essas crianças, esses trabalhadores, esses famintos e esses perseguidos estão ali, nas imagens deste fotógrafo e no interior da América Latina, nas minas, nas estepes africanas e nos campos de refugiados.

Adorno costumava dizer que “A arte é um paradoxo, uma contradição”. E que o problema da arte é o da criação e da interpretação. Pois as imagens de Sebastião Salgado também se nos apresentam como paradoxais e contraditórias. E a polêmica ao redor dele é a melhor comprovação disso. Nos tempos da escola de Frankfurt, Adorno teria talvez negado o status de arte ao trabalho de Salgado. A sua fotografia parece estar na fronteira de tudo, do fotojornalismo e também da arte. Mas talvez nesse caráter absolutamente contemporâneo e contraditório de sua obra se inscreva com outras letras a palavra ARTE.

NOTAS

¹ Termo acunhado pelo crítico Andy Grunberg na metade da década de 80 para descrever o estado da fotografia pós-moderna.

² ADORNO. Industria Cultura. In: Dialéctica del Iluminismo. Buenos Aires: Editora Sudamericana, Buenos Aires, 1969

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor ; HORKHEIMER, Max. *Dialéctica del Iluminismo*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1969.

GOTTCHALK, Karl-Peter. Sebastião Salgado: *The Road paved with good intentions?*. *The Zeugma Critical Review*, 1997. Disponível na Internet: www.easyweb.easynet.co.uk/~karlpeter/zeugma/crits/salgado.htm

JAY, Martin. *La imaginación dialéctica*. Buenos Aires: Taurus Humanidades, 1991.

LINFIELD, Susie. *Capture of the moment*. In: Boston Review. April-May 2001.

MARTINEZ, Sanjuana. Sebastião Salgado: “*Mi trabajo es denuncia y testimonio*”. In: Babab, N° 5, Novembro 2000. Disponível na Internet: www.babab.com/no5/sebastiao_salgado.htm

MODERNO, João Ricardo. *Atualidade negativa de Adorno. Notas paratáticas sobre paralopomena e introdução primeira*. In: Adorno: 100 anos. Rio de Janeiro: Revista Tempo Brasileiro, número 155, 2003

MRAZ, John. *Sebastião Salgado's Latin America*. In: Cultura Visual en America Latina. Vol.9 Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe. Mexico: Universidad Autonoma de Puebla, Enero – Junio 1998. Disponível na Internet: www.tau.ac.il/eial/IX_1/mraz.html

RITCHI, Fred. *O documentarista lírico*. In: Um incerto estado de Graça. São Paulo: Ed. Caminho, 1990. Disponível na Internet: www.terra.com.br/sebastiaosalgado/p_op1/p_interviex.html

SALGADO, Sebastião. *Retratos de crianças do êxodo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.